

PIONEIRAS

Erika Hilton:

"A presença das mulheres na política é uma conquista histórica de luta"

Quase 100 anos depois da conquista do voto feminino no Brasil, dados da União Interparlamentar (UIP) mostram que pouco se avançou em relação à igualdade entre homens e mulheres. Segundo o levantamento, com a quantidade de mulheres eleitas ao Congresso a cada quatro anos, serão necessários 80 anos para que se atinja a equidade de gênero no Senado e na Câmara. Ainda de acordo com o relatório, o Brasil figura na 133ª colocação no ranking de representatividade nos Paramentos.

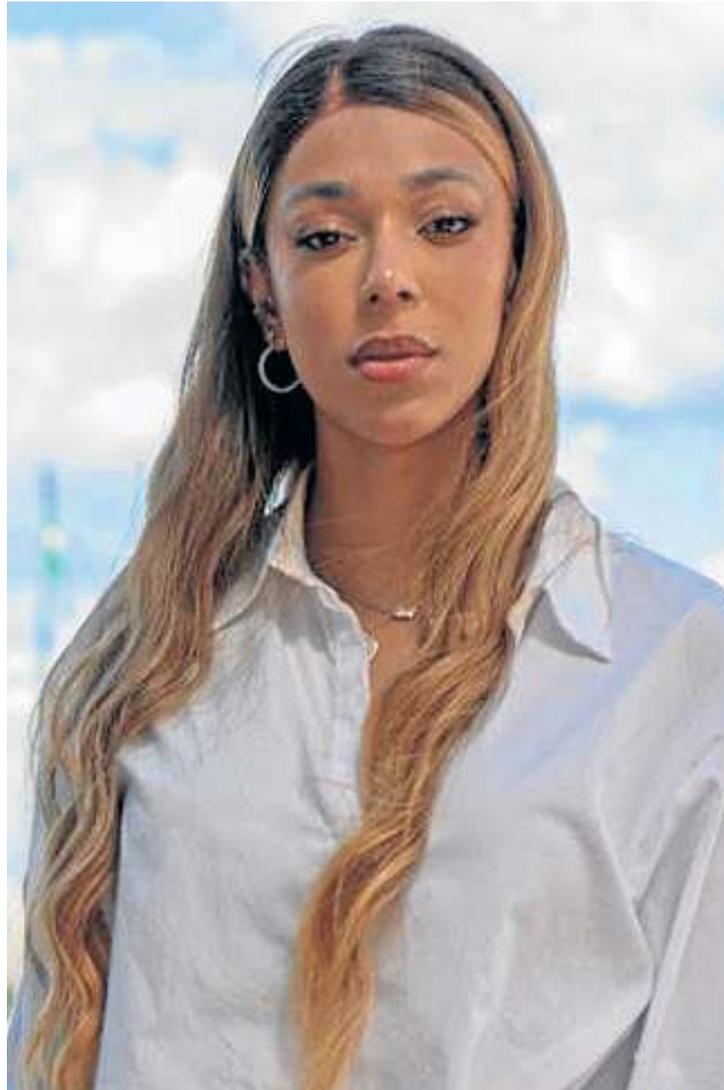
Em 2022, foi registrado o melhor desempenho de mulheres eleitas no Congresso Nacional, contudo, as mulheres ocupam nem a metade dos espaços de poder na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, mesmo representando 52% do eleitorado brasileiro. Das 513 cadeiras de deputados, 91 foram ocupadas por mulheres (18%). No caso do Senado, entre os 27 deputados eleitos, apenas quatro eram mulheres (14%).

Do quantitativo de mulheres eleitas na Câmara, duas são trans, fato inédito no Congresso. Uma delas é Erika Hilton — a primeira deputada federal negra e trans eleita na história do país e também a primeira parlamentar transsexual a liderar uma bancada no Legislativo. Anos antes, em 2020, ela também conquistou o feito de ser primeira mulher transgênero eleita vereadora em São Paulo e a mulher mais votada do Brasil, com 50.508 votos.

Segundo a deputada, tornar-se um dos principais nomes da política nacional não foi algo imaginado, mas, sim, construído. "Eu era uma travesti negra vinda da periferia, expulsa de casa, vivenciado a prostituição, trazendo a sua história de vida, os seus desafios como plataforma de enfrentamento à desigualdade, ao fascismo, ao preconceito, à intolerância e num momento aonde parecia que o mundo estava virando as costas para essas agendas, em especial no Brasil."

Detentora de uma oratória elogiada e dita como forte, a deputada diz ser um "desafio gigantesco" ser ouvida em um Congresso descrito por ela como "silenciador,

Divulgação



Erika Hilton, 32 anos, foi a primeira deputada federal negra e trans eleita na história do Brasil

machista e transfóbico". "É muito difícil porque tentam silenciar a minha voz o tempo todo, seja através das ameaças de morte que fazem, seja através dos afrontes dentro da própria Câmara, mas eu me mantenho de pé, falando, gritando quando necessário e bradando, porque a minha voz e o meu grito não são só meus", diz Erika.

A parlamentar afirma que não deseja ser inserida em uma "caixinha", pois foi eleita não apenas para representar a comunidade LGBTQIA+, mas, sim, para defender um projeto de país que acolha todos os brasileiros. "Eu não sou a deputada das trans, dos gays, das mulheres, dos negros e negras. Eu sou deputada do Brasil. Minha preocupação é com o país como um todo", explica.

Atualmente, Erika busca aprovar a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que acaba com a escala de trabalho 6x1. A PEC foi

protocolada em fevereiro, após a deputada reunir 234 assinaturas, inclusive, de outros espectros políticos. "Eu me sinto honrada, feliz e fazendo um trabalho importante de conscientização no país, pois tratar sobre identidade é também tratar sobre essas pautas", defende

Luciana Mariano:

"A gente pode, sim, ficar velha, como os caras ficam e sermos prestigiadas do jeito que eles são"

A participação de homens e mulheres na força de trabalho no Brasil ainda é desigual. De acordo com o último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente a 2022, 53,3% das mulheres estão inseridas no mercado de trabalho, enquanto a taxa masculina é de

Arquivo pessoal



Primeira narradora de futebol da televisão brasileira, Luciana Mariano, 49, trabalha nos canais ESPN

73,2%. O estudo também revela uma disparidade salarial para funções equivalentes: mulheres em cargos de gerência recebiam, em média, R\$ 6.600, valor 21,2% inferior ao rendimento dos homens, que era de R\$ 8.378.

Essa disparidade de gênero fez com que Luciana Mariano, a primeira mulher a narrar um jogo de futebol no Brasil, tivesse de congelar parte da carreira por cerca de duas décadas. "Me afastei da narração não porque eu queria, mas por falta de oportunidade. Aí, quando ESPN me contratou, outras emissoras falaram: 'Epa, nós temos que ter também'. E a gente tem, pela primeira vez na história da humanidade, uma safra inteira de narradoras que estão espalhadas pelas emissoras e pelos canais de streaming."

Quase 30 anos depois de sua estreia na narração, Luciana diz que tem consciência da

importância daquele feito. "Hoje, quando olho para aquela Luciana, eu penso: 'Gente, eu não sabia nada' e fiz. Mas assim, demandou muita coragem, muito esforço. É claro que eu não tinha o feedback imediato como eu tenho hoje nas redes sociais, mas ainda assim, eu sabia que estava fazendo uma coisa que nunca uma mulher tinha feito, então a pressão era gigante", relata a comunicadora.

Também na luta contra o etarismo, Luciana afirma que a "estrutura" exige que as mulheres precisem ser bonitas e jovens. "A gente pode, sim, ficar velha, como os caras ficam, e ser prestigiada do jeito que eles são. Um cara com 33 anos de carreira, certamente, acumulou um bom patrimônio durante a vida. E se você comparar com o que eu acumulei, é ridículo. Então, proporcionalmente, a vida de narradora não é igual à vida de um narrador." (RP)